

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Correio do Estado (C. Ode) Class.: 61Data: 25.02.92

Pg.: \_\_\_\_\_

# Índio não quer apito; quer terra

## Reunidos com o presidente da Funai, em Amambai, eles cobram demarcação de 24 mil ha

Os líderes dos 23 mil índios guarani-caiua, guarani-nhandeva e terena da região sul de Mato Grosso do Sul, fizeram ontem um apelo dramático ao presidente da Funai, Sidney Possuelo, convidado de honra da "Aty Guassu" (Grandê Reunião) realizada na Aldeia Limão Verde, em Amambai, distante 366 km de Campo Grandê. Os índios pediram a demarcação e homologação de pelo menos 24 mil hectares de várias aldeias localizadas em áreas em litígio com fazendeiros, além de mais assistência médica e condições de plantio para as áreas já asseguradas.

Um a um, os representantes das 22 aldeias indígenas da região sul (a segunda jurisdição da Funai mais populosa do País) pediram a palavra e falaram diretamente a Sidney Possuelo, o primeiro presidente em toda a história da Funai a vir manter uma reunião com as lideranças da região. Possuelo ouviu palavras duras, sobre sofrimento, "agonia e desespero" do povo indígena. Emocionou-se em particular com o depoimento do índio Dom Quitito, de mais de 70 anos, que contou em língua guarani parte da áspera vida de seu povo na aldeia Campestre, dos problemas com fazendeiros e das dificuldades para plantar.

A reunião, realizada num galpão pequeno e simples, de pau-a-pique, foi aberta às 8h00 pelo capitão da aldeia Piraquá, Amilton Lopes. Ele fez um discurso em português truncado, mas com veemência. "Será que o índio é mais importante que o boi, senhor presidente? Será que os índios não têm direito sobre nada?", perguntava ele a Possuelo. Lopes comparou as aldeias a "chiqueirinhos", pelo espaço exíguo e dificuldades de so-

brevivência. O presidente da Funai em seguida pediu a palavra e pediu união, se colocando ao lado dos índios. "Os problemas não são dos caiuas, mas sim dos brancos que os criaram. Essa situação de opressão tem que acabar". Possuelo explicou que não estava ali para trazer soluções mágicas para os problemas, mas sim para ouvir a palavra dos índios, e tentar achar soluções próprias para as comunidades.

Amilton Lopes leu uma pauta de reivindicações de oito itens, destacando o problema da terra. Ele listou as áreas asseguradas, as reservas demarcadas aguardando homologação do presidente da República, as áreas não demarcadas, e as em litígio com fazendeiros. Lembrou o despejo mais recente, ocorrido na Gleba Guassuty, em Arel Moreira, por força de uma liminar concedida pela juíza Suzana de Camargo Gomes a uma ação de reintegração de posse movida por quatro fazendeiros da região. Como representante da Piraquá, em litígio com um fazendeiro, explicou que a situação na sua aldeia é "do maior desespero, insegurança que se arrasta por décadas a fio".

Outro depoimento contundente foi o do cacique Mário Martins, da Aldeia do Sossoru, de 1.200 índios no município de Tacuru, que denunciou ter sido ameaçado de morte por fazendeiros da região. Segundo ele, os latifundiários estão avançando as cercas sobre a reserva, além de empurrar o gado para pastar nas terras indígenas. Martins, que fez o discurso em pé o tempo todo, na frente do presidente da Funai, explicou que os índios mais velhos são submetidos a humilhações quando têm que pegar caronas nas rodovias, para poder receber a aposenta-

doria rural na cidade de Iguatemi. "Muitos velhos tentam ir a pé mas correm risco de serem atropelados. Ainda este ano morreu uma índia velha desse jeito", contou o cacique, pedindo ao menos um veículo para ficar à disposição da aldeia.

O coordenador da Aty Guassu, Zeferino Ataíde Mendes, 27 anos, líder da aldeia Porto Lindo, em Mundo Novo, explicou que o povo indígena está "feliz" com a presença do presidente da Funai no Estado, gesto inédito. "Mesmo que não traga coisas concretas para nós, o presidente já está ajudando com a simples presença. Ele agora vai conhecer de perto a situação dos índios. Vai estar informado e poderá trabalhar com mais convicção", disse Mendes, que considera a questão da falta de terra como a mais grave para o índio. Ele mesmo, por exemplo, é membro de uma comunidade de 1.800 guaranis que habitam uma área de menos de 2 mil hectares, na Porto Lindo. "É uma situação de opressão. A terra não dá para todos".

O presidente da Funai ouviu tudo em silêncio, atento mas com um ar de cansado, de quem tinha chegado de uma longa viagem ao Pará, Amazonas e Mato Grosso, onde manteve uma sequência de longas reuniões com lideranças de diversas tribos, nas duas últimas semanas. Ele deverá ficar em Amambai até quarta-feira, onde visitará algumas aldeias. Pretende ir também à reserva caiua em Dourados, palco da trágica história de suicídios entre os índios. Possuelo adequou sua agenda para uma estada até Campo Grande, onde deverá estar em reunião com os funcionários da administração regional, na quarta-feira à tarde.